



# Gaiato



**PORTE PAGO**

Quinzenário • 26 de Dezembro de 1992 • Ano XLIX — N.º 1273 — Preço 30\$00 IVA incluído

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## MALANJE

# As guerras não nascem no coração do Povo

**Dia 12/9**

O sol esplende. Uma brisa suave faz sussurrar os eucaliptos.

Recados na cidade: «O sr. Director tem o carimbo fechado; venha amanhã». Irei. Quando será o amanhã, se ao décimo passo rebentou o tiroteio?! As ruas, num sopro, ficaram desertas.

Porém, o maior deserto está nos corações... Vazio que se apalpa. De vez em quando, um oásis com poços de água límpida e fresca —

mas sem roldanas nem baldes.

As guerras não nascem no coração do Povo, mas nas fontes de interesse dominadas pela ambição dos homens. Há sempre — pano de fundo — uns ideais pelo meio... Franjas de pano novo esvoaçando em tiras esfiapadas.

O nosso Povo vai sofrendo e morrendo...

Depois de tudo, nem tabuinha prò caixão!

«Dê-me também um pano p'ra forrar.»

Vi-o partir, feliz, como se levasse um tesouro... O seu

filho mais novo tinha falecido no dia anterior.

**Dia 14/9**

É sempre um alvoroço quando paro o carro nas sanzalas. A pequenada acode. Grandes magotes, dos quatro aos doze anos. Hoje, foi. Vieram as mães. Uns com sarna; outros com furúnculos; alguns com febre; um que não comia e outro que não obrava. Acudimos com os fracos recursos de que dispomos.

Tão fácil a receita certa: leite e vitaminas.

Sem querer, sorri a tantas mamãs da Europa que contam belas histórias aos filhos para que tomem o leitinho! Quem fará chegar até nós o que sobra e se estraga?

**Dia 20/9**

«Afadigas-te com tanta coisa...» — disse Jesus a Marta.

É. Todos nós, missionários e missionárias:

Ele é o gás, o gasóleo, o furo no pneu, a procura incessante do que comer, o terreno próprio e amplo para as futuras casas de formação, as visitas dos superiores e superiores para exporem suas ideias preciosas, as viagens, as noviças, as férias.

Hoje fui visitar um velho amigo que mora num bairro da cidade. Julguei estar falando com o fervoroso cristão doutros tempos, quando: — *Sabe?, agora, aqui no bairro, somos das «Testemunhas de Jeová».*

Isto muito perto duma casa de «formação» em construção!

As «Testemunhas» chegaram primeiro. Não precisaram de carros nem de casas. Foram a pé. Entraram nas casas deles com a sua palavra.

A nossa Palavra ficou nas «coisas»...

Marta... Marta!

**Padre Telmo**



O «Doutor» fixa a objectiva — de olhos arregalados!

## UM DIA SEM OCASO

No martirologio da primitiva Igreja chama-se Natal ao dia da morte, porque esta é realmente um nascer, um Natal.

A vida verdadeira começa neste momento. A Igreja denomina de Vida Eterna à vida que então começa. Se é um dom surgido no tempo, muito mais o é entrar na Eternidade.

Ora, numa Casa como esta, de doentes, alguns terminais, a morte é coisa próxima, séria, importante. É mesmo o que há de mais sério para o homem. Mas fazer dela um drama não é cristão. Por isso, alegro-me com a partida de tantos doentes que por aqui vão passando, pois sei que para eles aquele momento é nascer para a vida em que não haverá mais dor nem sofrimento, mas só Alegria e Paz — um dia sem ocaso.

Há, realmente, que desdramatizar a morte. Todo o homem, e mormente o cristão, tem o dever de encarar a morte na visão que a Fé dá e que a Esperança alimenta.

Quantas ilações temos que tirar desta perspectiva sobre o derradeiro Natal de cada um de nós! A maioria dos homens passa, pela terra, restringindo-se ao horizonte temporal no pensar e no agir. Quanto apego aquilo que se vai deixar! E tudo fica por aqui.

Didacticamente, a Igreja ensina-nos esta doutrina celebrando em festa a data do natal dos santos que é a sua natal. O tempo que passa é de advento para este natal. Os mortais, porém, têm o condão de estragar o que é belo, o que pode ser objecto de grande reflexão. É o Natal está reduzido a coisas que se oferece, se comem, se usam e enjoam logo a seguir. Guardemos algumas reservas de bens no nosso interior para o último Natal. Evidentemente, aqui, no Calvário, também celebramos em festa a Festa do Natal, mas na partilha e no encanto duma mesa comum.

**Padre Baptista**

## TRIBUNA DE COIMBRA

# ABRIGO VICENTINO

**S**EMPRE que vou a Coimbra, e tenha possibilidade, visito as obras do Abrigo Vicentino que tem de ser fruto do amor de muitos, sem desânimo.

Há dias, voltei lá. Desci a escadaria e subi a encosta. Comecei por ver o telhado novo e já pronto. Entreei naquilo que foi um grande corredor, agora aproveitado para quartos de banho revestidos de azulejo branco e uma faixa verde. O branco tem de ser sinal de limpeza e o verde de Esperança. Dois sinais que ali não podem faltar. A limpeza ajuda a renovar a vida e a Esperança anima a vida no seu caminho para Além.

A sala de entrada e os quartos estão a ficar todos rebocados. O piso de cima, quase pronto e bonito. Depois serão as obras no rés-do-chão. Um dos pedreiros respondeu à nossa pergunta:

— *Nem nos passa pela cabeça quando é que estas obras irão acabar!*

### Fonte de pão

Fiquei muito feliz ao encontrar ali aquele grande grupo de trabalhadores. Artistas e serventes. A maior parte, gente nova, de cor carregada. Um autêntico formigueiro em movimento!

Perguntei a um deles pelas suas terras. — *Eu sou do Uíje. Há aqui muitos de Angola, da Guiné e Cabo Verde. Somos todos de longe. Nas nossas terras não há trabalho.*

Procurei olhar para todos. Alguns são máquinas de trabalho. Vi neste grupo um retrato da nossa vida. Há anos, fomos nós, portugueses, ganhar o pão para suas terras. Agora são eles que vêm ganhar o pão para o meio de nós. Trabalhos humildes e

esforçados que os nossos não aceitam e vão fazê-los para os países mais evoluídos. É um retrato da vida.

Pensei, sobretudo, nos angolanos. Angola, considerado um país dos mais ricos, por aproveitar; os seus filhos têm de procurar o pão no estrangeiro, em nações mais pobres que a sua pátria. É outro retrato triste.

O Abrigo que estamos a preparar, e há-de ser para muitos desabrigados, é já agora abrigo de pão para famintos que o procuram. Fonte de pão sacrificado.

Desci a rampa e tomei a subir as escadas. Naquela hora meditei na Comunhão dos Santos e pedi a Deus que todos os conimbricenses estejam incluídos nesta Comunhão.

Que todos, especialmente os que estão longe de seus familiares, sintam e vivam com alegria e amor estas festas de Natal e o novo Ano seja de muita paz.

**Padre Horácio**

## Conferência de Paço de Sousa

**QUADRO DE NATAL** — Precisava de roupa. Mas, enquanto escolhe, filhos ao lado, medindo e remediando, assoma de vez em quando uma lagrimazita nos olhos da pobre mulher! A páginas tantas, desabafa: — *O meu homem está mal. Rebentou-lhe uma úlcera no estômago. Agora, não tenho que dar aos filhos! Ele precisa de dieta e gastamos um ror na farmácia. Não sei q'ando ficará bom...*

Pára, sufocada. «É uma cruz muito grande! Vou trabalhar prò Porto e deixar os filhos pr'af...»

Drama idêntico a muitos outros, no meio operário. Sobre tudo em relação a trabalhadores cujos minguados salários são «chapa ganha, chapa gasta».

Na mão desta mãe aflita, deixámos o suficiente para as carências mais urgentes; ficando, ainda, de conta da Conferência, as despesas na botica, pois o subsídio de doença não dá para o que for preciso. Tanto!

É um quadro de Natal... dos Pobres — os preferidos de Jesus de Nazaré. Quão diferente daquele outro que oferece ao mundo a sociedade de consumo!

**PARTILHA** — «Humilde oferta» da viúva do assinante 13245, do Porto. O costume, de Santa Cruz do Douro (Baião). Assinante 27177, de Lisboa: «Aproxima-se a quadra natalícia. Tanto quanto possível, deverá haver paz e amor. Para atenuar o sofrimento dos mais pobres, junto um cheque destinado à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus». Assinante 4395, de Vila Nova de Famalicão, «uma gota de água em relação ao mar das necessidades dos Pobres». Cem marcos, da assinante 2838, da Alemanha. Acentua: «Deveria já ter mandado, mas... passou». Chegaram a tempo!

«Avó dos cinco netinhos» presente com «a pequena contribuição, um pouco atrasada». Acrescenta: «Quando recebo

# Pelas CASAS DO GAIATO

O GAIATO vou lê-lo de ponta a ponta». Leitora fiel!

Mais um cheque do assinante 7464, de Lisboa: «Saberão como repartir esta migalha». Quanto menos a gente espera, acudimos aos ais dos Pobres!

O casal-assinante 24481, da Rua de Cedofeita, Porto, faz a distribuição dum óbolo e não esquece a nossa Conferência.

Chega, de Coimbra, o habitual donativo da assinante 9708 «para ajuda da compra de medicamentos, ou para aquilo que os Pobres mais necessitam. É por alma de meus pais». Para além do mais, citamos a máxima espiritual de Santo António, no topo da missiva: «Se falta boa intenção, até a obra que parece boa morre».

A assinante 49647, da Capital, manda quinze contos celebrando assim o Natal: mãos dadas aos Pobres.

Votos de boas festas do assinante 15693, Nova Oeiras, e valioso donativo, «não esquecendo a Conferência de Paço de Sousa».

Três contos, da assinante 9792, de Guimarães, «para socorrer uma viúva pobre. É a minha consoada de Natal».

Vale de correio, da assinante 21319, também de Guimarães: «Quem me dera enviar mais! São economias de duas irmãs reformadas».

Mais 80 rands, do assinante 9313, de Durban, África do Sul, «pequena importância para o mais pobre dos Pobres».

Benjamim, de Setúbal, fecha a procissão com cinco mil

escudos «para uma necessidade mais urgente». Já referimos uma delas, no topo da coluna.

Retribuímos saudações da quadra festiva e, em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**FESTA DE NATAL** — Como é habitual, depois da ceia de Natal fazemos uma festa, no



Casa do Gaiato de Benguela (Angola): o Benjamim nas suas tarefas.

salão, para alegrar a comunidade e não só. É muito divertida.

O Quim-Zé e Victor Centeio são os organizadores.

**VACARIA** — Nasceram mais duas vitelas. A primeira, no dia um de Dezembro; a segunda no dia oito. Os vaqueiros tiveram muito trabalho, no parto!

**OBRAS** — Os trolhas em atividade. Agora, desentupindo um boeiro da nossa bela avenida.

«Merendas» (o gordo da família) também ajuda os colegas mais experientes. Após esta obra, continuarão a levantar muros que precisam de ser reparados.

**EXCURSÃO** — Num dos últimos domingos, recebemos a visita dum grupo de pessoas idosas. Cantaram na Missa, procederam às leituras da celebração, etc.

Gostámos de ter, por cá, todos estes amigos. Venham sempre!

«Vitinho»

## MIRANDA DO CORVO

**DESPORTO** — Relativamente ao desporto, estagnámos até há bem pouco tempo. Havia relutância e pouca motivação em praticar o futebol. Agora, tentamos formar um bom grupo desportivo. Já defrontámos uma equipa visitante e perdemos por 3-4. Resultado positivo, ainda que tenhamos perdido o jogo.

Necessitamos de material desportivo, nomeadamente chuteiras, sapatilhas e luvas de guarda-redes. As ofertas dos leitores poderão ser anunciadas pelo telefone (039) 52125 ou via postal para: Casa do Gaiato — 3220 Miranda do Corvo.

**OBRAS** — Está a ser restaurada a parte mais antiga da nossa Casa, a casa-mãe. Trabalho difícil e moroso. Uma pequena parte, já concluída, ficou bonita. O sr. Anbal, de Ançã, limpa as pedras dos peitoris das janelas e de alguns degraus. Têm bastantes anos e precisam de limpeza.

**VISITAS** — No mês passado, recebemos um agrupamento de escuteiros, de Pombal. Partilharam connosco o almoço e organizaram uma tarde desportiva. O dia terminou com merenda e mágusto que um grupo de jovens de São José vem realizar, a nossa Casa, anualmente. Gostámos de receber estes Amigos.

Fomos, ainda, visitados por outros jovens, do Seminário das Missões de Cernache, com os quais realizámos um desafio de futebol.

Agradecemos as visitas e convidamos os leitores a visitarem a nossa Casa.

**CARAS NOVAS** — O último, foi o Ângelo. Veio de Portalegre. Frequenta a 2.ª classe. Tem 7 anos. É vergonhoso que existam cada vez mais crianças abandonadas e maltratadas! Seria bom que não fossem necessárias Casas do Gaiato ou outras instituições do género.

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — A época natalícia é sempre para nós um período de bastante trabalho, mas também de muita alegria por vermos estampados nos rostos dos nossos Pobres a consolação de receberem a pequena consoada: bacalhau, azeite, nozes, tudo o mais que foi possível. Só não sabemos se os fornecedores ficarão muito tempo à espera que paguemos...

Não pudemos ficar indiferentes à alegria do Marco (deficiente), quando lhe entregámos o brinquedo que durará pouco, mas vale a pena ver a sua satisfação. Depois, verá como aquilo é feito; e, pronto, acabou-se...

D. Alzira, desde Outubro que nos anda a encher os ouvidos, perguntando pela festinha que costumamos fazer. Há dias, estava a cortar as unhas ao marido, sr. Luís. Ela vê pouco. Os dedos já sangravam. Pomada para curar: creme nvea! A filha tinha ido a Paço de Sousa ver os filhos. Quantas vezes já ralhámos por andar sempre a correr para lá! Agora é a filha. Os miúdos são amorosos, mas temos medo dessas visitas frequentes...

O sr. Rogério, que necessitava de fraldas, Deus compadeceu-se dele. Há dias, quando fomos visitá-lo, já tinha partido. Deus seja louvado. Tanto sofrimento! Tanta angústia! Mas Jesus sofreu mais; Ele que não tinha qualquer pecado. E nós que somos?

A Irmão Delmina chega com mais um SOS, por via dum casal jovem e filhos. Ele, vítima da droga; ela, desempregada. Ainda houve tempo de os visitar.

— *Mas como vai ser?*, pergunta o presidente da nossa Conferência. *Eles são tantos e nós tão poucos!*

— *Deus há-de ajudar-nos!*  
Pouco tempo nos sobra para conversarmos com eles. Mas logo que vá dando para deixarmos uma pequena mensagem, ficamos satisfeitos.

Valdemar e Olga

É voz corrente, que a juventude não sabe dar rumo certo à vida. Pensamos não ser essa a realidade. E a prova é o telefonema que recebemos de amiga que nos chama à atenção para uma jovem de vinte anos, mãe (solteira) dum lindo bebé.

Ela foge à mãe por querer lançá-la no mundo da prostituição. Foge sem rumo, sorte dela!, e bate à porta de mão amiga que a recolhe e ao filho. A senhora em causa, grande lutadora, dá um belo exemplo à filha, jovem universitária, que a apoia e cede o seu quarto, provisoriamente, aos dois «hóspedes».

A senhora pede que demos uma mãozinha: «Sozinha não consigo resolver o problema desta rapariga!» Fomos lá. Ouvimos e atendemos imediatamente: fornecemos leite e remédio para o bebé e tentamos que fique, durante o dia, num infantiário.

Agora, é preciso arranjar um quartinho para que a jovem, após um dia de trabalho, tenha o filho consigo. É tudo o que ela quer: viver para o menino. Nas nossas orações pedimos ao Senhor que lhe dê forças para vencer as dificuldades. O quartinho, que tem em vista, custa muito dinheiro e o que ganha não chega...

**CAMPANHA TENHA O SEU POBRE** — J. R. D., 2.000\$00. Leonilde Palma, 7.000\$00. Mais 5.000\$00 de A. Sousa. Para todos, o nosso muito obrigado.

Conferência de S. Francisco de Assis — Rua D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Uma vicentina

## Notícias de Moçambique

**A NOSSA FAMÍLIA** — O inevitável: recebemos mais quatro rapazes: o Adelino, irmão do César que estavam juntos na rua; o Rogério que, por ter doze anos, já não podia continuar no infantiário estatal da Matola — e, se não tivesse vindo para aqui, ele estava novamente na escola da rua. Chegaram mais dois irmãos: Francisco e Jorge, o mais velho, que há muito aguardavam entrada. Agora, graças a Deus, todos já encontraram uma verdadeira família.

**OFERTAS** — Recebemos, da D. Noémia, 33 pares de sandálias, bastante resistentes e úteis para este tempo de muito calor. O sr. Henrique, da Cáritas Nacional, deu 22 leitões para criação. O trabalho do João intensificou-se. Vamos ver se continuará a dar conta do recado. Logo, queremos usufruir!...

**ANIVERSÁRIO** — Imaginem o festejado: o pai da grande família! É verdade, o querido Padre José Maria completou 59 anos da sua juventude. Quisemos fazer um dia diferente. Toda a semana dedicada aos preparativos: cânticos, danças, desenhos de postais e muita recreação. Logo de manhã, surpresa à porta do quarto. O despertador: cânticos em dialecto e ao som de tambores. Depois de muito insistir, e Bruno Alberto ter batido à porta, apareceu. Entregámos os presentes e todos os filhos deram um beijo de parabéns ao pai. Ambiente muito familiar que nos alegra! Programámos uma saída à Namaacha, onde Padre José Maria já não ia há 17 anos. Almo-

çámos perto duma cascata «seca» e visitámos o local onde, há precisamente 17 anos, deixara os gaiatos da antiga Casa. Foi doloroso recordar... Mas estamos alegres por ele estar aqui, novamente, pronto a recomeçar com todas as forças. Chegados a Casa, celebrámos a Eucaristia e, depois do jantar, houve um pequeno espectáculo realizado pelos rapazes. Foi bom! Pedimos a Deus que no-lo conserve, junto de nós; pelo menos, por outros tantos anos.

Carlos Roda

**UM CRONISTA** — Chamo-me Rui Miguel. Tenho doze anos e sou gaiato. Há um bom tempo que deixei de viver na rua, porque encontrei mãe e pai. Deixei antigos hábitos e comecei a dar mais importância ao estudo. Aqui, todos temos as nossas tarefas. A minha, é tomar conta do mais pequenino, de dois anos: o Bruno Alberto. Outros, ocupados na «machamba», serralharia, carpintaria, obras e limpezas da Casa.

Recebemos muitos leitões! Aproveitamos os restos de comida para os engordar. Nos tempos livres gosto de jogar à bola com os meus irmãos, mas só depois de cumprir a responsabilidade que me foi confiada.

Terei muitas outras coisas a escrever, mas por hoje é tudo. Um abraço do

Rui Miguel

António Maria

## BENGUELA - ANGOLA

# Uma luz acesa na noite escura

**B**ENGUELA, cidade das acácias rubras em flor, querem roubar-te a beleza com que te dotou a natureza! No fundo do morro da Kaota, gaiatos de cor branca e negra deixam-se envolver e embalar pela espuma branca do mar que os acaricia em paz e alegria, estendidos na areia fina. É o fim e o princípio de mais uma semana de trabalho.

Quem dera os canos das armas sejam entupidos, duma vez para sempre, e o sangue e o suor possam correr pelas ruas da cidade e dos bairros a levar lufadas de vida e não mais de ódio e violência. Que a palavra de ordem seja a da reconciliação. Que chegue o Reino da Justiça e da Paz, da Verdade e do Perdão.

Onde estão os inocentes que não precisam de bater no peito? As mães levando os seus filhos às costas e pela mão a chorar com fome e cheias de medo. Os velhinhos que não podem fugir. As crianças sem escola e esfarrapadas a correr dum lado para o outro revolvendo-se no pó e na lama. Os homens que querem trabalhar, mas não têm onde. Há que ver os acontecimentos com os dois olhos: único caminho da reconciliação.

Uma luz foi acesa na noite escura, entretanto. Vinte quilos de farinha de milho nos sobejaram da grande confusão. Que era isso para tanta gente? As caras apareciam cada vez mais magras. Os cintos cada vez mais apertados. Ao meio dia, já não se viam as fogueiras e as panelas com o pirão e os grupos à volta mexendo a farinha de milho, preparando o peixe seco e fazendo o molho. O vazio, a tristeza, os olhos perdidos ocuparam o lugar que antes era de vida.

## Cresceram vinte quilos de farinha...!

Só tínhamos vinte quilos de farinha. As crianças choravam às costas das mães. Os homens já não tinham força para trabalhar. Como fazer para que a farinha não acabasse e crescesse? Foi o assunto quente da conversa com a Teresa e a Aurora. Ao menos os filhos pequeninos... Assim, ao meio dia, com um pouquinho de leite, açúcar e farinha, começámos a fazer o *matete* para eles. Os mais inocentes eram salvos. Ao canto do refeitório, todos os dias, juntavam-se os bebés e as mães a comer. A farinha não acabou. Anteontem uma organização veio anunciar que tinha à disposição 50 sacos de milho, mais 250 litros de óleo alimentar, mais 100 quilos de sabão e 250 quilos de feijão. A alegria foi tamanha que me agarrei ao pescoço do portador da boa nova pedindo que viesse ver a alegria da gente que já não acreditava fosse possível matar a fome. Os vinte quilos não acabaram. Cresceram! Não há caminho mais seguro para a multiplicação dos bens que temos, do que a partilha até ao fim — que não chegará jamais.

Quando os vossos olhos poisarem nestas notas já se respira o ar do Natal, aí. Andareis aflitos à procura do supérfluo para vós e vossos filhos. Quem sabe? Se puderdes, olhai as caras destas mães e de seus filhos. O amor não conhece distâncias nem fronteiras. Não há Natal sem a partilha da vossa humanidade com o que ela é e tem. Maria tem este rosto também e o nome destas mães. O Menino Jesus, o rosto destes filhos e o seu nome também.

Bom Natal para todos!

Padre Manuel António

O GAIATO publica, em cada número, uma coluna com o título Doutrina. É um respigo da vasta obra escrita de Pai Américo, fazendo salientar passagens doutrinárias do mais belo recorte, da beleza posta em tudo o que escreveu, cujos temas sempre tiveram por objectivo complementar o que foi a sua vida de Padre agindo em nome de Deus: pisar a rua, entrar no tugúrio, expor o Evangelho; recolher o gaiato abandonado, ajudar a pobreza, transmitir a Boa Nova nas suas homilias.

No número de 17 de Outubro de 1992, o Doutrina transmite o mais importante conselho que os pais devem ter presente na educação de

## Correspondência de Família

seus filhos, que se resume em: «Educar é justamente contrariar, modificar a vontade do educando». Por isso, é que no dito «quem dá o pão, dá o pau», está uma sua célebre expressão educativa.

Desloquemo-nos agora para o campo da educação moderna. Que se vê e ouve?

Ouve-se uma liberdade de linguagem com uso de palavras que, no meu tempo de jovem, mesmo entre nós rapazes, fazia-nos corar. Hoje, rapazes e raparigas usam-nas com o maior despudor para quem quiser ouvir.

Vêm-se na rua e na televisão gestos e actos de sexualismo sem recato nem limite, e a televisão exhibe dia e noite imagens de luta, crime, roubo, violências e histórias e argumentos de fraudes e corrupção. Tudo isto passou a ser, dia-a-dia, o alimento e o espírito da nova educação e formação, base do pragmatismo substituto da moral.

Observa-se que qualquer menino ou menina dispõe de mesadas elevadas que os pais das famílias pobres não obtêm apesar do seu trabalho honesto. Daí, a linguagem

baixa, a prática livre do sexo, o acesso à droga, o insucesso escolar ou o reduzido aproveitamento que os torna analfabetos de terceiro grau.

E os pais, qual a preparação para intervir e orientar a educação de seus filhos? Como a formação das actuais gerações de pais foi deslizando no fácil e na inversão de critérios e valores, os resultados estão à vista! Se não é a desagregação familiar, é, pelo menos, a perda do vínculo da responsabilidade de pais para filhos.

Voltemos à coluna Doutrina d'O GAIATO. Tomem nota e não esqueçam que «há um segredo divino no meu palmilhar de cada dia, que não me deixa cair no chão: eu desejo encontrar na Eternidade, sentados à direita do Pai Celeste, todos os garotos que me passam pela mão».

Esta frase exprime um duplo encantamento da Glória de Deus. O primeiro é testemunho de que ele, Américo, Padre, foi escolhido para realizar o milagre; o segundo é a manifestação do desejo do escolhido, o santo, para seus filhos, que quer o acompanhamento «à direita do Pai Celeste».

O processo de canonização do Padre Américo está demonstrando. Porém, não vai tardar o sancionamento de Roma à

## DOUTRINA

Qual monge de vida piedosa...



• Alguns Amigos, de Coimbra, ainda não entregaram a costumada maquia de azeite e nós já vamos embora na primeira semana do próximo mês com o primeiro grupo de garotos, no comboio da Lousã. Sem prejuízo para a vida e ordem do gaiato em cura de repouso, os estagiários serão instalados na mesma casa, às dúzias, desde Julho a Outubro do ano que vai correndo.

• Os pequenos colonos compareceram em massa à última reunião e já encheram com seus nomes e rogos a capacidade da Colónia de Férias, tomando cada um seu lugar em seu turno e recebendo instruções do sítio, hora e local de partida. Não demores, pois, a dádiva do azeite e mais coisas, que o tempo e a maré não esperam por ninguém; antes nós é que temos de andar e ir ao encontro do tempo e das mares de praticar o Bem. Despojar-te, não, que eu quero encontrar-te sempre no teu posto, como tenho encontrado, quando bater à porta; porém, dar hoje de boa vontade, alegremente, por convicção e por amor, isso sim; não vá acontecer que amanhã tenha cada um de ser despojado, por ódio!

• Este dar por amor de Deus nasce do conhecimento de que somos por Ele amados; e nesta experiência individual das coisas altas não há sacrifício que se não faça, nem cruz que se não leve, nem privação que se não aceite, que o amor tudo dulcifica. É uma realidade funda que se encontra viva, no seio do Evangelho, como no seio da terra, lençóis de água misteriosos. Não demores as tuas migalhas; trabalha enquanto há luz.

• De que serve ao homem procurar saber com alvoroço quais as verdadeiras causas e razões da hora presente, em prejuízo e com descuido da sua própria hora?... Como se alguém seja capaz de aumentar um palmo à sua altura por muito meditar na sua pequenez! Como é grande a palavra do Mestre: *Non turbetur cor vestrum* — «não te perturbes, nem tenhas medo, que Eu venci o mundo», disse.

• Bem mais aflito ando eu, em riscos de ser chamado a contas por causa de um miúdo de três anos, abandonado, que foi dar à Casa do Gaiato, o qual procura sempre o meu colo e chama-me pai diante de toda a gente! Mas nem por isso desfaleço; antes caminho sereno e seguro «entre a glória e a vergonha; entre o bom nome e a má nota; como castigado, mas não amortecido; como triste, mas sempre alegre; como pobre, mas remediando muitos; como não tendo nada, mas possuindo tudo». «Eu venci o mundo», diz o Mestre. Se Deus é conosco, quem pode ser contra?

*P. Américo: 5!*

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2º vol.)



As vacas, bem tratadas pelos vaqueiros, são frequente notícia dos nossos cronistas. Dão-lhes o precioso leite que não saboreavam na miséria em que viviam.



### Edição antecipada

Esclarecemos os nossos Leitores que esta edição d'O GAIATO sai uma semana mais cedo por causa do Natal; mantendo, porém, no cabeçalho, a data que lhe compete: 26 de Dezembro.

santidade implícita e explícita de Américo, Padre, Pai do gaiato da rua.

Alberto Augusto (filho)

# AGORA

É consolador verificar que neste mundo da Justiça Social, quando a Caridade é a alma do que se faz, o surgir de novas necessidades não deixa no esquecimento outras, antigas e infelizmente bem presentes como é esta da habitação do Pobre. Vai nos 42 anos que esta «procissão» safu a primeira vez. E desde então nunca falharam os devotos que lhe dão o ser, alguns desde o princípio e muitos com a marca heróica do sacrifício. Por isso mesmo, aqui, nunca «o azeite se extinguiu na almotolia nem a farinha na caixa». Haja quem trabalhe com fé e com amor — e o Senhor do Impossível não faltará, multiplicando o pão e o peixe, como «naquele tempo».

Abre hoje a coluna, justamente, gente pequenina: as três *mosqueteiras* da Força Aérea que aqui voam mais alto que os aviões e aviadores para que trabalhem. J. P. R. e M. L. nunca faltam. «Diversos trabalhadores e reformados da EDP» continuam a descontar como no tempo da sua vida activa na HICA e na HI-DOURO. M.

Pinheiro é um poeta popular. Os seus dons trazem sempre o bafo da sua inspiração:

«O GAIATO é um farol  
Que ilumina o mundo inteiro  
Que Deus muito o console  
E o Homem lhe dê dinheiro.

Batam, batam, dêem muitas marteladas

Porque só as pessoas acordadas

É que imitam Jesus Cristo  
E depois podem mostrá-lo  
Tal qual Ele é.»

De Lisboa, a inquietação de Branca e a «preferência» de Mário «pela Obra do Património dos Pobres e pela vossa acção em África» e o «carinho» de Palmira «pelos que mais sofrem e a quem eu gostaria de poder auxiliar muito mais» e a presença mensal (há quantos anos, santo Deus!) de C. F., da Amadora, e a velha amizade de alguém do Instituto de Novas Profissões e Madalena com o «subsídio de funeral atribuído» a sua Irmã e a Maria Cristina «com a importância correspondente ao meu 1.º vencimento».

De Évora esta mensagem: «Sempre que recebo O GAIATO fico com a alma cheia de boas intenções: de enviar para a Obra da Rua todo o dinheiro que puder. Mas deixo sempre para amanhã. E 'amanhã' é uma forma velada de dizer nunca. Só o AGORA é Sim, só o AGORA Mesmo é resposta positiva. E desta vez eu digo 'AGORA Mesmo'. Vai seguir um cheque que bem desejaria fosse mais avultado.

Deus vos ajude a ajudar os necessitados! Não conheço Obra mais bela, mais cristã».

E Nisa também é Alentejo: Alda, triste pelos males que também lavram na sua terra «sem se deixarem penetrar e por isso muito difíceis de ajudar», manda «a 1.ª mensalidade da pensão que me foi atribuída: 22.800\$00».

De Paris, a Comunidade Portuguesa de S. Francisco Xavier, «a exemplo do ano anterior, decidi na Quaresma última, realizar a sua Renúncia para a Casa do Gaiato». E como nos deixa liberdade de aplicação para «a soma reunida pelos fiéis por-

tugueses», ela aqui vai em favor dos Autoconstrutores.

Outra presença de longe, esta de Londres: «O cheque incluso de 800 libras esterlinas é dádiva duma humilde emigrante portuguesa em Londres. Entregou-nos o dinheiro e pediu-nos que mandássemos o cheque: as múltiplas viagens e andanças de férias causaram um certo atraso no envio, facto de que pedimos desculpa.

Ficamos por aqui. Humilde é a doadora, simples foi o seu gesto; não vamos nós complicá-lo com mais palavras. Que o Bom Deus acrescente e faça frutificar esta oferta e todas as outras, para que diminuam as carências...»

De Lisboa, as remessas costumadas da Dra. Felicidade, sempre lembrando seus Pais; e o Pedro e a Ana, fazendo com o seu cheque a festa do aniversário do seu casamento: «De vez em quando, caio em silêncio, o que não quer dizer esquecimento, pois vou pedindo sempre por todos e tenho-os no coração». Porque estes corações são abertos e arejados pelo amor do próximo, tão vivo continua o amor deste casal!

De Alcobaça, um cheque de dez contos «para as casas dos que precisam» e mais dois «para comprar chapéus para a praia». Isto foi no Verão, nem é preciso dizer.

De Coimbra, «uma pequenina migalha para ajudar o casal jovem a realizar o seu grande sonho: a conclusão da sua casinha».

Da Irene, de Espinho, e da Balsemina, de Gaia, cheques respondendo a casos apresentados n'O GAIATO, e o regozijo pela sua descoberta a quando do *Compasso*:

«Se todas as Visitas Pascais fossem assim, não haveria tantos irmãos precisados. Oxalá que todos os leitores d'O GAIATO acordassem».

Estamos no Porto e seus arredores. A «Zé Ninguém» acusamos as remessas e informamos que a intenção pedida foi cumprida.

De Armandina, vinte e cinco «para telhas» e outro tanto para a Conferência Vicentina. E sessenta e cinco do Assinante 19741. E dez da Albertina e Aarão.

Maria Isaura, de Ermesinde, e a sua mensalidade. Elsa, da Maia, e a sua alegria porque «nunca aos meus filhos ouvi uma palavra de censura quando falo em economia, por mensalmente mandar o cheque para os que não têm casa». «Uma Assinante anónima», de Famalicão. Outro anónimo que deixou no Seminário Camelitano

de Viana do Castelo, cento e cinquenta contos, para o Calvário e Património dos Pobres. Maria, uma antiga e grande Amiga de Chaves que «continua a ler O GAIATO como despedida de cada dia».

E as «rosas» de Soeime, há muitos anos cultivadas com tanto amor que o «milagre delas» nunca mais cessa.

E termino com este recado da Mealhada: «Chegou há

dias O GAIATO, cuja leitura 'incomoda' sempre e 'queima' a quem não perdeu de todo a sensibilidade.

*Chegou também o subsídio de férias, que foi logo repartido em fatias para tapar alguns 'buracos'.*

Desta vez, e a partir de agora, a agenda passa a incluir uma fatia também, para ajudar a tapar os vossos 'buracos' na Autoconstrução».

Padre Carlos

## Património dos Pobres

### Uma família

FIQUEI muito amachucado com aquele panorama familiar que fomos ver. Uma habitação pequenina já metida na mata. Pai e mãe e cinco filhos pequeninos. A casa com vidros partidos, chão muito sujo, muito desarrumada, sem luz, sem água e sem casa de banho. Parece em ruínas.

Cá fora, duas crianças brincavam. Um cordão estendido entre pinheiros sustentava roupa a enxugar. Uma capoeira de tábuas velhas abrigava duas frangas. Na lareira, acabava de arder um resto de lenha. A mãe falou e disse muitas coisas. Nota-se muito desequilíbrio naquela família.

A moradia foi feita e habitada por um casal de pobres velhinhos. Cuidaram sempre bem da sua casinha. Nesse tempo era decente e airosa. Foi santuário. Dali partiram para a Casa do Pai.

O casal que agora a habita era novo e sem filhos. Foi para ali por pouco tempo. Nasceram os filhos. Não houve promoção do casal. Os vizinhos queixam-se do álcool à mistura com prostituição. A comunidade paroquial tem procurado meios de solução que não têm dado fruto. — *Que havemos nós de fazer?*, pergunta o Pároco daquele povo.

Vamos continuar a ajudá-los a criar os filhos. O abandono nunca fez, nunca fará, nada de bom. As nossas mãos dadas são sempre de esperança.

Infelizmente, como esta há muitas outras famílias.

### Outra família

DERAM-LHE um pedacinho de terreno e começaram a construir. Muito lentamente. Chegaram a cobrir parte do edifício e meteram-se lá dentro. Pai, mãe e duas meninas pequeninas.

O pai, há muitos meses doente, anda a tomar injeções. A mãe trabalha, fora, quatro horas por semana.

— *Donde lhes vem o comer?*

— *Olhe, meu senhor, é só alguma coisinha que os vizinhos lhes damos. São uns pobres infelizes!*

Estive muito tempo a olhar para aquelas paredes. Se um dia ficar acabada, será uma linda casa. Um vizinho deu a serventia. Outros ajudaram a construir.

A meu lado estava o pároco da freguesia. Tem procurado ajudar o seu povo. Confirmou as necessidades daquela gente — a mais pobre da comunidade. Disse que não há Conferências Vicentinas, nem qualquer organização para acudir aos Pobres. Fiquei admirado e triste com a informação, pois há muitos naquela terra. *Cada paróquia deve cuidar de seus Pobres* — clamou tantas vezes o Padre Américo, que foi uma voz de Deus no nosso tempo.

Era noite e regresssei, na hora de oração em nossa Casa; e procurei rezar também. Pedi ao Senhor que dê a todos o sentido de Sua Família que somos.

O Património dos Pobres ajudará estes Pobres a acabar a moradia e continuará a ajudar todos os que puder.

Padre Horácio

## Calvário

### Duas situações semelhantes

NASCEU normal. O seu lar é que o não era. Hoje com três anos encontra-se em estado de torpor resultante duma meningite tuberculosa. É uma criança encantadora, bonita, de olhos grandes e pretos com o cabelo encaracolado.

A mãe, jovem solteira, vive na prostituição pelas sombrias vielas da cidade. Deixava a indefesa pequenina, o dia todo, sózinha, no quarto que alugara. Sobreveio a doença. Vizinhas alarmadas conduzem a menor ao hospital. Ali foi tratada sem que a mãe se incomodasse em a visitar. Também ninguém dava mostras de a desejar. Os serviços de assistência procuraram afadigadamente um abrigo, que não surgiu. Recorreram, finalmente, às instâncias do Centro Regional. Daqui, veio o pedido. E a angústia é pacificada com a nossa resposta.

Este trabalhou como ajudante de motorista até que um acidente de viação o paralisou. Com a magra pensão do seguro e sem familiares, limitou-se a aceitar uma velha garagem como habitação para ele e para o carro de rodas. Durante o dia, à porta, olhava os transeuntes que lhe davam ajudas e muitas, muitas vezes mesmo, o levavam à tasca para uma cerveja — quase sempre a única alimentação diária. O álcool produziu os seus efeitos maléficis. Uma cirrose começou a roê-lo por dentro e a definhá-lo por fora. A degradação era e companheira do seu viver. Em estado de desnutrição total é levado ao hospital, mas ali não podia permanecer. E a história de toda esta situação vai dar ao serviço assistencial, que apela para várias instituições. Alguém se lembra então do Calvário. E o Calvário abre as portas e a cama, com muito

gosto em recolher mais um daqueles para quem esta Casa foi sonhada. Evidentemente, cada doente que chega vem sobrecarregar as tarefas dos que aqui se encontram. Higiene primária, dar de comer, acolher os ais e serenar as saudades é coisa que os nossos doentes bem sabem fazer. Mas o trabalho aumenta com mais um que é deitado na cama. No entanto, até hoje, nunca ouvi queixa ou lamúria. Pelo contrário, até vejo uma certa alegria com novidades dum companheiro de infortúnio.

E as mãos erguidas dos que entram e ficam, são pára-raios a atrair as bênçãos do Alto.

Muitas lições vou aprendendo com eles!

Ora aqui estão duas situações semelhantes. Na primeira é deveras espantoso que tendo aqueles senhores acordos de cooperação com centenas de instituições, nenhuma se tenha aberto para receber esta criança. Apenas nós, que não desejamos acordos financeiros com alguém, demos a resposta e abrimos a porta para receber este ser inocente.

— *Os senhores desconsertam-nos!*, afirma a responsável do Centro Regional que veio fazer o pedido.

Na verdade, o nosso acordo é com os mais indesejados, com os Sem-ninguém. E eles arrastam para aqui quanto é preciso. Não temos dúvidas, porque o tempo já longo do nosso viver, do nosso modo de viver, o tem demonstrado. Andamos em caminhos de aventura para o mundo, mas seguros como Pedro sobre as águas do Tiberiades pela mão do Mestre.

Na segunda situação é incrível que para receber um desgraçado doente sem recursos o óbice seja a mensalidade a pagar. O mal-dito dinheiro é sempre o estorvo maior!

Padre Baptista



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel  
Tel. (055) 752285 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239